

Alice no país da tradução

Análise da tradução para o português da novela Alice, do livro La grammatica di Dio, de Stefano Benni

Simone Lopes de ALMEIDA¹

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a tradução feita para o português da novela Alice, Benni (2007) do livro La grammatica di Dio (2007). A análise será iniciada com uma reflexão sobre o papel do tradutor, em seguida abordaremos as principais dificuldades encontradas na tradução e as soluções adotadas, sempre fundamentando a análise em alguns dos principais teóricos dos Estudos de Tradução.

Palavras-chave: Stefano Benni; Alice; tradução.

Abstract: The present article intends to analyze the translation to Portuguese of the novel Alice, Benni (2007) from the book La grammatica di Dio (2007). The analysis will begin with a reflection on the role of the translator, followed by the main difficulties found in translation and the solutions adopted, always basing the analysis on some of the major theorists of Translation Studies.

Keywords: Stefano Benni; Alice; translation.

Considerações Iniciais

Alice é uma novela² escrita por Stefano Benni e faz parte do livro *La grammatica di Dio*. Benni é um autor italiano contemporâneo, considerado um gênio da sátira italiana e muito amado entre os jovens. Além de livros, publica brilhantes artigos em jornais e periódicos. *La grammatica di Dio*, publicado em 2007, é um dos livros mais atuais de sua produção artística. Como Benni é um autor contemporâneo, pouco se tem escrito a seu respeito.

Em *La grammatica di Dio*, encontramos histórias que falam de solidão, de desespero e de morte, que podem fazer rir, mas, ao final, o sorriso se desmancha na existência difícil que Benni nos conta. E parece dizer, nesses breves retratos, que os homens às vezes olham o céu e procuram Deus, mas Ele nunca olha pra baixo.

Alice é a quarta novela do livro *La grammatica di Dio* na qual Benni apresenta uma jovem de 16 anos, Alice, que vive um drama: é Natal, a cidade está totalmente enfeitada, repleta de luzes e com as lojas lotadas, e ela não tem para onde ir; o namorado roubou as

1 Universidade Federal do Ceará. Especialista em Estudos de Tradução e professora substituta de italiano junto à Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: simonelanunes@hotmail.com

2 Decidimos manter o termo novela, por ser uma tradução mais próxima do italiano *novella*, mas o gênero literário definido em italiano como novela, em português equivale ao conto.

poucas coisas que ainda lhe restavam e depois a abandonou. Como se não bastasse, ela ainda foi expulsa de casa pelos pais, e o é também de todos os lugares aonde vai a fim de descansar. As únicas pessoas que podem ajudá-la, sempre pedem algo em troca (como sexo, por exemplo) ou têm a finalidade de drogá-la. Desse modo, não resta muita esperança à pobre Alice.

O papel do tradutor

Ciente do desafio que a tradução nos apresenta, iniciamos a análise da tradução da novela *Alice* para o português com uma reflexão sobre o papel do tradutor. Segundo Dolet (1540 apud FURLAN, 2006, p. 199), “[...] traduzir bem de uma língua a outra requer principalmente cinco coisas”: compreender o sentido e a matéria do autor; ter um perfeito conhecimento da língua de chegada e da de partida; não traduzir literalmente; não utilizar palavras que estão fora do uso comum da língua e observar a harmonia do discurso.

A primeira etapa indicada por Dolet (1540) representou um grande desafio, uma vez que foi necessária uma atenta leitura da novela para que, posteriormente, durante o processo de tradução, os traços da escrita de Benni pudessem ser identificados e respeitados.

O segundo ponto elencado por Dolet (1540) certamente se constitui como um fator complexo, visto que o conhecimento profundo da língua (seja da qual se traduz, seja para a qual se traduz) é praticamente uma utopia: desejável, sem dúvida, contudo, o conhecimento linguístico é adquirido a partir de um processo de formação contínua. Desse modo, não nos resta constatar que a falta de vivência na Itália fez com que muitos aspectos (linguísticos, mas também culturais) da narrativa gerassem maior dificuldade na compreensão e no exercício de tradução da novela. Este é o caso, por exemplo, de algumas expressões idiomáticas.

No que diz respeito ao cuidado em não se traduzir literalmente, podemos dizer que tal etapa foi, o máximo possível, respeitada. O mesmo podemos dizer em relação à quarta etapa elencada por Dolet (1540): os termos equivalentes do português foram sempre revistos de modo que não causassem estranheza ao leitor, nem se distanciassem da novela italiana; ao mesmo tempo, procuramos sempre utilizar palavras de uso comum da língua.

Tentamos, por fim, manter a leveza do estilo do autor e a agilidade das ideias, observando a harmonia da linguagem, mas um juízo de valor, naturalmente, cabe ao próprio leitor.

Além de tudo isso, o tradutor também terá a função de analisar as palavras, montá-las e remontá-las, sem alterar o sentido original, respeitando os aspectos supracitados, exercendo uma significativa sensibilidade na execução de uma arte tão importante. Com efeito,

A tradução começa por um desmontar parte por parte para em seguida reuni-las em um grupo estrangeiro. O tradutor é um artesão que profissionalmente desmonta a estrutura original e a remonta em um terreno distinto (FURLAN, 2006: 18).

As dificuldades encontradas na tradução

Delimitaremos a análise de alguns aspectos que geraram mais dificuldades no processo de tradução para o português como: os palavrões ou termos “proibidos”, as expressões idiomáticas, os nomes dos personagens e alguns aspectos gramaticais.

Um dos primeiros desafios encontrados na tradução da novela refere-se ao uso de palavrões ou termos de calão, característicos da língua italiana. De acordo com Tortorella (2001), os italianos tornaram-se os mais vulgares entre os europeus na utilização de termos “proibidos”. Uma pesquisa desenvolvida na Europa por uma associação de psicanalistas sobre o estilo de vida dos adolescentes mostra que, dos 2000 adolescentes entrevistados, 59% dos que dizem constantemente palavrões são italianos, 43% são alemães e 41% são espanhóis. Constatou-se ainda que 67% dos adolescentes que são frequentemente barulhentos e vulgares são italianos, 54% são espanhóis e 35% são alemães (TORTORELLA, 2001).

Segundo Tortorella (2001), tal fenômeno não envolve somente os adolescentes, já que o mesmo invade a televisão, o cinema, as propagandas (*outdoors*), as músicas, os desenhos animados, a política e a literatura. Possivelmente seguindo uma tendência cultural, Benni (2007) adota alguns desses termos na sua escrita literária, e, desse modo, encanta os jovens. Em *Alice*, podemos ver alguns exemplos:

Pág.	Original	Tradução
46	Non torno su a casa da mamma, non voglio vedere altri pianti, e non mi va di dormire da Adrian, quello è un porco, ti scopa anche se sei morta.	Não volto pra casa da mamãe, não quero ver outros choros, e não estou a fim de dormir no Adrian, ele é um porco, transa com você mesmo que você esteja morta.
46	Ma come cazzo parli, parla bene.	Porra , que jeito de falar, fala direito.
47	– Potresti trovarmi un posto da dormire? – Se te lo trovo ti fai scopare ?	– Você poderia encontrar um lugar pra eu dormir? – Se eu encontrar, a gente transa ?
47	– Oh, amici miei durissimi, creature di Satana, solo che suonano in periferia, in un garage o che cazzo ne so , e io non ho la macchina.	– Ah, amigos meus duríssimos, criaturas de Satanás, só que tocam na periferia, numa garagem ou sei lá onde , e eu não tenho carro.
48	Si alza già ubriaco, il corpaccione traballa, ha le braghe che cascano e mezzo culo roseo di fuori, si gratta, barcolla, ribalta una sedia.	Levanta-se já bêbado, o corpão bambeia, as calças estão caindo, metade da bunda rosa de fora, coça-se, cambaleia, derruba uma cadeira.
48	– La tua pizza fa lo stesso odore della mia cappella – ghigna lo Stregatto.	– A tua pizza tem o mesmo cheiro do meu pau – zomba o Gato Risonho.
49	[...] ma che cazzo mi parlate di coraggio e grinta e dignità, sono solo un metro e sessantadue per quarantasette chili [...]	[...] mas cacete por que vocês falam de coragem de garra de dignidade, eu sou só um metro e sessenta e dois por quarenta e sete quilos [...]
50	Cosa devo fare, tirarmi giù i jeans? Vuoi vedere il pancino? Il culo ?	O que devo fazer, abaixar o <i>jeans</i> ? Quer ver a barriguinha? A bunda ?

Alguns termos já não são mais considerados palavrões pelo seu uso cotidiano e indiscriminado e por estarem presentes em várias expressões com significados os mais diversos, como no caso de *culo* e *cazzo*. Um dos maiores poetas italianos do século XX, Sanguinetti (2001 apud TORTORELLA, 2001, p. 39), observa que “até as juvenzinhas mais frágeis usam o intercalar *cazzo*: porque a palavra já é “dessemantizada”, ou seja, não significa mais aquilo que descreve³”.

Dessa forma, pela riqueza de significados de *cazzo*, que é originalmente usado em referência ao órgão sexual masculino, vemos que a tradução do mesmo termo varia, assim, no segundo e no sétimo exemplo, *cazzo* exprime uma interjeição de ira e optamos por variar a tradução para *porra* e *cacete*, respectivamente. Já no quarto exemplo, *cazzo* encontra-se em uma expressão *che cazzo ne so*, como forma de enfatizar uma dúvida, e a saída encontrada para a tradução foi *sei lá onde*.

No quinto e no oitavo exemplo, o termo popular *culo*, que também apresenta como significado *cu*, pode, efetivamente, ser traduzido por *bunda*, termo mais adequado na nossa tradução.

O verbo *scopare*, que nas situações apresentadas por Benni significa ter/manter relações sexuais, surge em dois momentos e, em ambas as frases, adotamos o verbo *transar*.

O termo *cappella* teria o seu real correspondente *cabeça do pênis*, ou o termo científico *glândula*, mas o termo *pau* foi adotado por ser mais curto e o mais usado em português no contexto apresentado pela novela. Conforme afirma Bruni (1426 apud Furlan, 2006, p. 61):

Como aqueles que pintam um quadro segundo um modelo e reproduzem a figura, a postura, o modo de caminhar e a forma de todo o corpo; do mesmo modo na tradução, o bom tradutor se transformará com toda a mente, alma e determinação no autor primeiro do escrito e de algum modo o transformará tratando de expressar a forma, a postura e a textura do discurso, a cor e os diversos matizes.

Tentamos respeitar a dinamicidade que a língua e o seu vocabulário nos transmitem, pois a tradução não pode se prender a arcaísmos ou a juízos de valor.

Outro desafio lançado pela tradução da novela é o reconhecimento dos termos equivalentes das expressões idiomáticas ou idiomatismos

³ “Anche le ragazzine più fragili usano l’intercalare ‘cazzo’: perché la parola ormai è dessemantizzata, cioè non significa più quello che descrive.” (SANGUINETTI, 2001 apud TORTORELLA, 2001, p. 39).

que são particularidades de cada língua, de cada cultura. A tradução das expressões idiomáticas exige do tradutor um conhecimento profundo tanto da língua materna quanto da língua estrangeira. Traduzir não corresponde sempre a uma procura de equivalentes linguísticos, no caso das expressões, pois tais equivalências raramente sugerem outra expressão. Traduzir expressões idiomáticas é ter em conta a especificidade de cada tipo de texto, mas também a especificidade de cada língua, de cada povo, de seus usos e costumes, da sua expressividade. As expressões idiomáticas são riquezas também da língua falada, e Lutero (1530 apud FURLAN, 2006, p. 105) já reconhecia a importância da língua falada no momento da tradução: isso acontece, na visão do autor,

[...]pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas, sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir.

Eis as alternativas encontradas para algumas expressões:

Pág.	Original	Tradução
45	Sono sempre dissociata, pensò, mezza cruda mezza cotta .	Estou sempre dissociada, pensou, meio lá, meio cá .
46	Non torno su a casa da mamma, non voglio vedere altri pianti, e non mi va di dormire da Adrian [...]	[...] Não volto pra casa da mamãe, não quero ver outros choros, e não estou a fim de dormir no Adrian [...]
46	E poi succede che passo lo specchio e mi ritrovo al pronto soccorso.	E depois, acontece que cheiro e acabo no pronto-socorro.
48	Allora Alice si rimbocca il cappuccio sulla testa, cade un pò di nevischio, la gente fa a botte per prendere il taxi.	Então Alice vira o capuz na cabeça, nevisca um pouco, as pessoas se estapeiam por um táxi.
48	– Non mi prendere per il culo o ti sbatto fuori...	– Não faça gracinha ou te coloco na rua...
49	Droga leggera e droga pesante. I miei jeans e i jeans di quella che sta passando. Pizza con patate e pizza e basta. Darla a tutti e darla a qualcuno. Sedici anni ancora o basta così. Sto andando via di testa.	Droga leve e droga pesada. O meu <i>jeans</i> e o <i>jeans</i> daquela que está passando. Pizza com batatas e só pizza. Dar pra todo mundo e dar pra alguém. Mais dezesseis anos ou chega. Estou enlouquecendo.

A primeira expressão *mezza cruda mezza cotta* não poderia ser traduzida literalmente porque causaria estranheza ao leitor brasileiro ou falante de língua portuguesa. Por essa razão, visto que Alice quer dizer que nunca está numa temperatura ideal, sendo sempre inconstante, a forma *meio lá, meio cá* determina a oscilação do estado emocional da personagem.

As expressões *non mi va di, non mi prendere per il culo* e *sto andando via di testa* foram facilmente traduzidas através de pesquisas feitas a dicionários monolíngues, bilíngues e de expressões idiomáticas.

No entanto, as expressões *passo lo specchio, fare a botte, darla a tutti* e *darla a qualcuno* exigiram maior esforço no exercício da tradução, uma vez que não foram identificadas como expressões fixas e, inicialmente, traduzimos literalmente, o que significou uma perda semântica. Apenas a partir da leitura e da revisão da tradução realizada por tradutores de italiano é que tivemos a oportunidade de corrigir o problema e encontrar equivalentes em português.

Passemos à análise da tradução dos nomes dos personagens. Os personagens nominados são: Alice, Luca, Adrian, Nerofumo, Tricheco, Regina di cuori, Bianconiglio e Stregatto. Benni cita outros, mas distinguindo-os por outras características, como o loiro, a irmã etc. Inicialmente os nomes seriam todos mantidos do original, porém, desses personagens, quatro correspondem aos personagens do romance de Lewis Carroll (2005), "Alice no País das Maravilhas". A novela de Benni (2007) faz referências à obra de Carroll em alguns momentos. Antes de iniciar a mesma, o autor apresenta um trecho da canção de Lennon e McCartney que remonta a um poema que seria parte do conto e a tradução seria: *Veja como eles sorriem como porcos num chiqueiro, veja como eles debocham. Estou chorando*. Esse trecho da música representa toda a rejeição que Alice sofre na novela de Benni (2007) e o seu estado de ânimo. Outro elemento de relação entre o conto e a novela é o uso da repetição:

Pág.	Original	Tradução
46	Borse borse. Ma quante borse per quanta roba da metterci dentro. Scarpe scarpe. Ma quanti piedi quanti passi da fare. E telefonini tanti telefonini. Quante cose avete da dirvi.	Bolsas bolsas. Mas quantas bolsas pra colocar quantas coisas dentro. Sapatos sapatos. Mas quantos pés, quantos passos a dar. E celulares muitos celulares. Quantas coisas vocês têm a dizer.

A repetição é muito presente na fala da personagem Alice no romance de Carroll, e Benni retoma essa característica também na sua novela. Diante dessas relações intertextuais, os nomes dos quatro personagens foram traduzidos para o português, conforme as traduções do romance de Carroll: Alice, portanto, permaneceu da mesma forma; Regina di cuori foi traduzido por Rainha de Copas; Bianconiglio como Coelho Branco e Stregatto como Gato Risonho.

Os aspectos gramaticais não poderiam deixar de ser analisados. Contudo, delimitaremos a nossa análise aos aspectos mais pertinentes às diferenças existentes entre os dois sistemas linguísticos envolvidos no processo de tradução da novela, ou seja, o português e o italiano.

Frequentemente, na tradução, a diferença entre os sistemas linguísticos pode significar uma perda de significação na língua fonte:

Pág.	Original	Tradução
45	– Quante ne fumi, ragazzina? – Due pacchetti al giorno, se ho i soldi.	– Quantos você fuma, garotinha? – Dois maços por dia, se tiver dinheiro.
45	– Ci vai mai in chiesa?	– Você costuma ir à igreja?
48	Esce e si accovaccia davanti ad una vetrina. – Non ci si siede qui.	Sai e se agacha diante de uma vitrine. – Não se senta aqui.
49	Si mette a leggere, legge legge. – Non si può – dice un commesso. – Dare un'occhiata si può, ma mica puoi leggerlo tutto.	Começa a ler, lê lê. – Não pode – diz um vendedor – Dar uma olhada pode, mas não pode ler tudo.

A partícula *ne*, que não pertence à estrutura da língua portuguesa, na estrutura da língua italiana, tem a função de reforçar a quantidade, porém na tradução esse termo ficará ausente.

Já a partícula *ci*, entre outras funções, pode, como o *ne*, reforçar na frase o elemento a que se refere. Como na segunda frase, a partícula *ci* reforça o advérbio de lugar *in chiesa*, ao ser traduzido para o português, perde a sua função por não ter um equivalente. O mesmo acontece na frase *Non ci si siede qui*, na qual o *ci* reforçará o advérbio *qui*.

Na quarta frase, temos *mica*, que não possui uma tradução literal quando usado isoladamente, nem mesmo na própria língua italiana, porém é usado para reforçar o advérbio de negação *non* e por isso assumiu uma função de advérbio e valor negativo. Na língua falada, é frequentemente usado como advérbio negativo sem o *non*, especialmente diante de um verbo (SENSINI, 1997), como na frase usada por Benni (2007). Visto que esse fenômeno não existe em português, o advérbio de negação teve de ser obrigatoriamente colocado na frase, para manter o sentido do texto.

Outro processo curioso no momento da tradução são as mudanças das classes gramaticais:

Pág.	Original	Tradução
46	I negozi si devono vedere , le persone possono anche scomparire.	As lojas devem ser visíveis , as pessoas podem até desaparecer.
46	Un telefonino ce l'aveva, glielo aveva regalato sua sorella, un giorno di particolare senso di colpa.	Um celular ela tinha, a sua irmã lhe tinha presenteado num dia de sentimento de culpa.
48	Alice guarda un po' di pinguini che si tuffano e amareggiano, ride, poi entra, gironzola e va al bar.	Alice olha um pouco os pinguins que mergulham e namoram, ri, depois entra, rodeia e vai ao bar.
50	Il biondo sta venendo da te. Non ha le ali ma sembra che voglia salvarti. Però esita.	O loiro está vindo na sua direção . Não tem asas, mas parece que quer te salvar. Porém, hesita.
50	Lei tira fuori una sigaretta e fuma. E le viene da tossire.	Ela puxa um cigarro e fuma. E tem vontade de tossir.

Para evitar uma tradução mecânica, o tradutor deverá optar por equivalentes que não firam o contexto nem o sentido expresso pelo autor. Para que isso aconteça, deverá ser observada a harmonia do discurso, o que significa que as opções do tradutor não podem ferir o uso comum da língua.

Ainda quanto ao estilo de Stefano Benni, nota-se que a questão da pontuação é uma forte característica da sua escrita, em particular, no que diz respeito à utilização das vírgulas. Sabe-se que o uso da vírgula apresenta diferenciação no italiano e no português, neste o uso é mais variado, naquele mais restrito, por esse motivo algumas vezes foi difícil detectar quando a ausência da vírgula era um estilo do autor e quando seguia o uso normativo da língua. Porém, nota-se que, quando o autor usa a repetição de palavras, abstém-se da vírgula, e a tradução manteve o mesmo estilo. Em outros momentos, como na separação do advérbio pela vírgula, o italiano não adota esse padrão que a língua portuguesa segue, e, nesses casos, foi mantida a regra da língua portuguesa. A seguir, os três primeiros exemplos mostram o estilo do autor e a sua observância na tradução, os três últimos a subserviência à língua portuguesa:

Pág.	Original	Tradução
46	Borse borse. Ma quante borse per quanta roba da metterci dentro. Scarpe scarpe. Ma quanti piedi quanti passi da fare. E telefonini tanti telefonini. Quante cose avete da dirvi.	Bolsas bolsas. Mas quantas bolsas pra colocar quantas coisas dentro. Sapatos sapatos. Mas quantos pés, quantos passos a dar. E celulares muitos celulares. Quantas coisas vocês têm a dizer.
49	Si mette a leggere, legge leqae.	Começa a ler, lê lê.
50	Mi guarda mi guarda, pensa lui [...].	Está me olhando me olhando, ele pensa [...].
46	Così stasera Alice non sa in quale paese meraviglioso potrà dormire.	Assim, hoje à noite Alice não sabe em qual país maravilhoso poderá dormir.
47	[...] si siede e vicino a lei arriva lo Stregatto. C'è un Pizza Snack Bar con un'insegna tutta rossa e gialla, entra e ordina un trancio di pizza con le patate, si siede e vicino a lei arriva lo Stregatto.	[...] senta-se e, perto dela, aproxima-se o Gato Risonho. Tem uma <i>Pizza Snack Bar</i> com um letreiro todo vermelho e amarelo, entra e pede uma fatia de pizza com batatas, senta-se e perto dela chega o Gato Risonho.
49	Fuori la città è grigia la piazza vuota la chiesa blindata da una cancellata, non puoi più sederti sui gradini, Dio forse gira con un giubbotto antiproiettile, pensa Alice.	Fora a cidade é cinza, a praça vazia, a igreja blindada por uma cancela, não podes mais te sentar nos degraus, talvez Deus passeie com uma jaqueta à prova de bala, pensa Alice.

Considerações Finais

A tradução e a análise de *Alice* nos deixam cientes de que “traduzir corretamente é uma tarefa importante e difícil” (Bruni 1426 apud Furlan, 2006:55). Seguir os cinco passos de Dolet (1540) na observância do estilo do autor, respeitando o sentido da sua obra, dominando a língua de chegada e a de partida, não somente quanto ao seu aspecto gramatical, mas também no que concerne à sua realidade cultural, aos aspectos históricos, às particularidades da linguagem falada, e, além disso, realizar uma aprofundada leitura, são verdadeiros desafios no exercício da tradução. O tradutor pode encontrar muitas dificuldades durante esse processo: escasso material de pesquisa, pouca vivência na língua estrangeira falada, conhecimento das diversidades culturais, entre outros, mas com a prática os obstáculos são facilmente superados.

Por tudo isso, nota-se que quanto mais cedo o estudante de língua estrangeira se iniciar no processo de tradução e quanto antes penetrar na cultura estrangeira, os desafios serão superados com mais facilidade. Essa é uma atividade pouco encontrada em cursos de graduação, mas se o tradutor, enquanto aluno, exercitar a tradução em um processo contínuo, tornar-se-á um tradutor apto e com as características básicas exigidas, aperfeiçoadas para um melhor exercício do seu ofício.

Traduzir *Alice* foi uma tarefa enriquecedora tanto no aspecto teórico quanto no prático. A conclusão da tradução da novela *Alice* pode proporcionar a reflexão da própria atividade de tradução. E, através desse exercício, podemos medir o grau de conhecimento que ainda temos a adquirir, as dificuldades ainda presentes nessa prática e o longo percurso que temos pela frente para nos tornar bons tradutores de acordo com Dolet (1540), que proporcionou um manual para auxiliar os tradutores. Para segui-lo com excelência, deve-se manter uma prática constante.

Referências

BENNI, Stefano. **La grammatica di Dio**. 3 ed. Milão: Giangiaco Feltrinelli Editore, 2009.

BRUNI, Leonardo. Da tradução correta (excertos). Tradução de Rafael Camorlinga. In: FURLAN, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução: Renascimento**. Florianópolis: UFSC, 2006. v. 4. p. 53-79.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução e adaptação em português de Edy Lima. São Paulo: Scipione, 2005.

DOLET, Etienne. Como traduzir bem de uma língua a outra. Tradução de Nícia Adan Bonatti & Marc Goldstein. In: FURLAN, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**: Renascimento. Florianópolis: UFSC, 2006. v. 4. p. 198-205.

FURLAN, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução** – volume 4 – Renascimento. Florianópolis: UFSC, 2006.

HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução** – volume 1: alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

LUTERO, Martin. Comentários sobre os salmos e os motivos da tradução. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. In: FURLAN, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**: Renascimento. Florianópolis: UFSC, 2006. v. 4.

SENSINI, Marcello. **La grammatica della lingua italiana**. Milão: Oscar Mondadori, 1997.

TORTORELLA, Maurizio. Il paese delle parolacce. **Panorama**, 3 abr. 2001. Disponível em: <<http://archivio.panorama.it/home/articolo/idA020001012191>>. Acesso em 4 abr. 2011.

ANEXOS:TRADUÇÃO DA NOVELA ALICE

BENNI, Stefano. Alice. In: _____. **La grammatica di Dio**. Milão: Feltrinelli, 2007. p. 45-51.

Alice

See how they smile like pigs in a sty, see how they snied.

I'm crying.

JOHN LENNON, PAUL MCCARTENY

I am the walrus

– Quante ne fumi, ragazzina?

– Due pacchetti al giorno, se ho i soldi.

– Ma non sono troppe?

Silenzio.

– Voglio dire, perchè ne fumi tante?

– Mi passa il tempo.

– E i soldi come te li procuri?

Silenzio.

– Ma cosa fai qui da sola sui gradini, come una barbona? Quanti anni hai?

– Sedici.

– E a sedici anni stai così a non far niente da sola?

– E tu quanti ne hai?

– Cinquanta.

– E a cinquant'anni vai in giro da solo a parlare alle ragazzine?

– Ci vai mai in chiesa?

Alice sbuffa e si alza. Stava bene lì dov'era, appoggiata al muro, con l'aria calda di una grata che le riscaldava la schiena, ma i rompicoglioni arrivano sempre anche se non li aspetti, come le nuvole. E adesso aveva la schiena bollente e la faccia

gelata.

Sono sempre dissociata, pensò, mezza cruda mezza cotta.

Alice accende una sigaretta e cammina sotto le luci di Natale, galassie di neon e comete pulsanti offerte dall'Unione commercianti. Nel suo quartiere c'è solo qualche albero di Natale in giardino, un abete puttanesco che mostra la chincaglieria alla strada.

Il centro della città è illuminato, la periferia quasi al buio.

I negozi si devono vedere, le persone possono anche scomparire.

Si ferma a guardare una vetrina.

Borse borse. Ma quante borse per quanta roba metterci dentro.

Scarpe scarpe. Ma quanti piedi quanti passi da fare.

E telefonini tanti telefonini. Quante cose avete da dirvi.

Un telefonino ce l'aveva, glielo aveva regalato sua sorella, un giorno di particolare senso di colpa.

Ma una mattina non l'aveva più trovato.

Luca l'aveva venduto per comprarsi la roba.

Poi erano spariti i cidi, quelli che avevano inciso uno per uno al computer, coi pezzi che amavano.

Ne era rimasto solo uno di musica classica.

Poi era sparito il computer.

Poi era sparito Luca.

Poi l'avevano chiusa fuori casa, la mattina prima. Sul pianerottolo, la sua poca roba in due valige. Un biglietto.

Se torna, faccio vedere alla polizia tutte le siringhe che ho trovato nell'appartamento.

Il padrone di casa era un avvocato che una volta difendeva gli occupanti di case. Succede.

Così stasera Alice non sa in quale paese meraviglioso potrà dormire.

Non torno su a casa da mamma, non voglio vedere altri pianti, e non mi va di dormire da Adrian, quello è un porco, ti scopi anche se sei morta. E se vado da Nerofumo, troverei da dormire, ma ho paura che ci sia il Tricheco, un pusher vecchio, strafatto e senza denti, ho paura che mi sbocchi della polvere come l'altra volta.

Ma come cazzo parli, parla bene.

Ho paura che mi dia dell'eroina gratis.

E poi succede che passo lo specchio e mi ritrovo al pronto soccorso e la Regina di cuori è una dottoressa tutta truccata come l'altra volta che mi dice, senti carina stupidina, perchè vuoi morire adesso?

E io non ho saputo rispondere.

Il Bianconiglio invece è un ragazzo occhialuto in bicicletta che scappa via, lui ha una casa grande in affitto, ci sono stata il mese scorso.

- Melfi! - grido, so solo che è nato lì. - Melfi, fermati!

Ha la faccia da uno che ha visto tutto e non ha imparato niente.

- Ci conosciamo?

- Sì, sono stata a casa tua con Luca, ricordi?

- Eri la sua ragazza?

- Beh, diciamo di sì.

- E adesso no?

- Adesso no.

- E cosa posso fare per te?

- Potresti trovarmi un posto da dormire?

- Se te lo trovo ti fai scopare?

- Credo di no.

- Allora ti fai scopare da un mio amico molto più bello di me?

- Insomma, hai un posto o no?

- No.

E riparte in bicicletta.

Alice cammina tra la gente che fa le compere e le buste dondolanti piene di borsescarpe e pesticcia una fanghiglia di neve grigia, chiude e apre gli occhi, così le luci di Natale diventano brividi, bagliori, strisce di colore, e lei pensa di essere in un luogo magico lontano da quella città.

C'è un Pizza Snack Bar con un'insegna tutta rossa e gialla, entra e ordina un trancio di pizza con le patate, si siede e vicino a lei arriva lo Stregatto.

È alto, grassoccio, con una maglietta a righe, i capelli tinti di azzurro Nazionale. Su un braccio ha tatuato un serpente e sull'altro lo stemma di una squadra di calcio. Posa un triplo trancio con birra, rutta e sfodera un sorriso senza i due denti davanti.

- Ciao, fighetta.

Silenzio!

- Vieni a un concerto con me?

- Chi?

- Oh, amici miei durissimi, creature di Satana, solo che suonano in periferia, in un garage o che cazzo ne so, e io non ho la macchina.

- Neanche io.

- Peccato, ci saremmo divertiti. Sei il mio tipo.

- In che senso?

- Che sei così disperata che capisco che sto meglio di te e mi viene da ridere.

- Grazie.

- Niente. Scusa, fighetta. Ti darei una mano, ma devo trovare un passaggio.

Si alza già ubriaco, il corpaccione traballa, ha le braghe che cascano e mezzo culo roseo di fuori, si gratta, barcolla, ribalta una sedia.

- Qualcuno ha una macchina da prestarmi qua dentro? Un'auto blu magari?

- Vattene - gli urla uno dei pizzaioli - o chiamo la polizia!

- La tua pizza fa lo stesso odore della mia cappella - ghigna lo Stregatto.

Il pizzaiolo gli mostra un coltello.

Prima di uscire, lo Stregatto lascia metà birra sul tavolo di Alice e le manda un bacio.

- Ti voglio bene, baby - dice.

- Grazie - dice Alice.

Lo vede uscire e infilarsi in un bus scostando e schiacciando metà dei passeggeri.

Alice si scola la mezza birra e accende una sigaretta.

- Non si fuma qui.

- Scusi.

Esce e si accovaccia davanti ad una vetrina.

- Non ci si siede qui.

Allora Alice si rimbocca il cappuccio sulla testa, cade un po' di nevischio, la gente fa a botte per prendere il taxi. Entra nella biblioteca pubblica. C'è un bel calduccio. Schermi dappertutto. Notizie e immagini da tutto il mondo. Si siede sul pavimento a guardare un documentario sui pinguini.

- Non si può stare per terra - dice un vigilante.

- In piedi?

- Se non disturbi.

- Su un piede solo?

- Non mi prendere per il culo o ti sbatto fuori...

Silenzio.

Alice guarda un po' di pinguini che si tuffano e amoreggiano, ride, poi entra, gironzola e va al bar, si accorge che ha i soldi per un tè, lo prende al banco, si siede.

- Non puoi, - dice la cameriera - se ti siedi ai tavoli devi pagare la differenza.

- La differenza...

Allora va a vedere i libri. Subito si sente meglio. Molti di quei libri le hanno tenuto compagnia, in questo brutto inverno. Luca li ha portati via quasi tutti per venderli. Luca legge solo libri di vampiri. Non è che sia scemo, è fissato. Come è

evidente, come è crudele il fatto che Luca non le manca. Preferiresti che ti mancasse, Alice? Forse sì. Chi ti manca? C'è un poster, una foto di uno scrittore appena morto. Lei voleva bene a quello scrittore. Parlava di guerra con vero orrore e pietà, inventava scienziati pazzi e faceva ridere. Sì, lui mi manca. E anche i miei amici Elsa e Faber. E la vecchia Marion. I miei amici libri...

Si mette a leggere, legge legge.

– Non si può – dice un commesso. – Dare un'occhiata si può, ma mica puoi leggerlo tutto.

– Certo, c'è differenza.

Droga leggera e droga pesante.

I miei jeans e i jeans di quella che sta passando.

Pizza con patate e pizza e basta.

Darla a tutti e darla a qualcuno.

Sedici anni ancora o basta così.

Sto andando via di testa.

La sta fissando un ragazzo dagli occhi azzurri e capelli biondi, un Kurt Cobain centrista, con molte possibilità in più di invecchiare. La adoro, sta pensando lui, amo le ragazze trasandate che poi diventano bellissime, questa se la spolveri, la lavi e la coccoli è una meraviglia.

Sembra fesso, ma dolce, pensa lei.

Intanto una voce dice: è l'orario di chiusura, i signori clienti sono gentilmente pregati di uscire. Le luci si abbassano, esce. Fuori la città è grigia la piazza vuota la chiesa blindata da una cancellata, non puoi più sederti sui gradini, Dio forse gira con un giubbotto antiproiettile, pensa Alice. E pensa che forse stasera le toccherà dormire in stazione, non ce la farà a resistere ancora con quel freddo, non ce la farà ad andare avanti, ma che cazzo mi parlate di coraggio e grinta e dignità, sono solo un metro e sessantadue per quarantasette chili, come posso reggere lo scricchiolio del mondo e le grida dei morti e il rock finto e il gelo e la fame, i trichechi mangiaostriche e i pusher caritatevoli...

Non ho fatto il Sessantotto il Settantasette e magari non farò neanche il Duemilaotto.

Ho bisogno di un angelo.

Se no, non so come fare.

Non la do a nessuno, non prendo roba, non mi metto a urlare in mezzo alla strada, semplicemente vado in stazione e aspetto un treno.

O ci salgo sopra, o ci vado sotto.

Ma cosa dici, Alice.

Prendi un fungo che ti fa crescere o uno che ti fa rimpicciolire.

Guarda sotto il portico, c'è il Jabberwocky, è il nome di un baretto alla moda, là dove una volta c'era la libreria che ti piaceva di più, quella col commesso talpa e la libraia che sapeva a memoria Sylvia Plath e Majakovskij, si potevano rubare i libri piccoli e c'era odore di incenso.

Il biondo sta venendo da te. Non ha le ali ma sembra che voglia salvarti. Però esita.

Deciditi cretino, ti ho guardato già due volte, come se tu suonassi sul palco. Cosa devo fare, tirarmi giù i jeans?

Vuoi vedere il pancino? Il culo? Ce l'ho bello, sai. Muovi le ali, pollo.

Mi guarda mi guarda, pesa lui, è davvero carina e sicuramente pazza, però mi piacciono le pazze.

Lei tira fuori una sigaretta e fuma. E le viene da tossire. Una tosse da orchessa, da camionista bulgaro, da gatto del Cheshire, da cantante metallaro.

Lui si impietosisce. Io ti salverò, o tisica Mimì, fanciulla dagli occhi di febbre, io sarò il tuo angelo, il tuo alternativo rovente angelo. Non dormirai sola stanotte.

Si avvicina.

– Quante ne fumi?

– Due pacchetti al giorno, se ho i soldi.

– Ma non sono troppe?
 Silenzio.
 – Voglio dire, perchè ne fumi tante?
 – Mi passa il tempo.
 – E i soldi come te li procuri?
 Silenzio.
 – Ma cosa fai qui da sola sui gradini, come una barbona? Quanti anni hai?
 – Sedici.
 – E a sedici anni stai da sola?
 – E tu quanti ne hai?
 – Ventuno.
 – E a ventuno non sai dire altro a una ragazza?
 – Te la tiri? Credi di essere simpatica?
 Alice piange, ma così piano e così discretamente, e con la faccia tra le mani, che lui non se ne accorge e se ne va infastidito.
 Lei apre gli occhi.
 E' sola, sotto un arco di luci di Natale, un arcobaleno di stelle rosse, un volo di uccelli di Plutone.
 Esce che nevicava forte e cammina in fretta.
 Ci sarà pure un posto per dormire, nel paese delle Meraviglie.

Tradução de Simone Lopes de Almeida
Alice

See how they smile like pigs in a sty, see how they snied.
 I'm crying.
 JOHN LENNON, PAUL MCCARTENY,
 I am the walrus

– Quantos você fuma, garotinha?
 – Dois maços por dia, se tiver dinheiro.
 – Mas não é demais?
 Silêncio.
 – Quer dizer, por que você fuma tantos?
 – Pra passar o tempo.
 – E o dinheiro, como você consegue?
 Silêncio.
 – Mas o que você faz aqui, sozinha, sobre os degraus, como uma mendiga?
 Quantos anos você tem?
 – Dezesseis.
 – E com dezesseis anos você está assim sem fazer nada, sozinha?
 – E você quantos anos tem?
 – Cinquenta.
 – E com cinquenta anos você vai por aí sozinho falando com menininhas?
 – Você vai à igreja?
 Alice bufa e se levanta. Estava bem ali onde se encontrava, apoiada ao muro, com o ar quente de uma grade que lhe esquentava as costas, mas os que enchem o saco sempre chegam, mesmo quando não se espera, como nuvens. E agora estava com as costas ferventes e a cara gelada.
 Estou sempre dissociada, pensou, meio lá, meio cá.
 Alice acende um cigarro e caminha sob as luzes de Natal, galáxias de néon e cometas pulsantes oferecidos pela União dos comerciantes. No seu bairro tem apenas algumas árvores de Natal no jardim, um pinheiro vulgar que mostra a quinquilharia à rua.
 O centro da cidade está iluminado, a periferia quase no escuro.

As lojas devem ser visíveis, as pessoas podem até desaparecer.
 Para para ver uma vitrine.
 Bolsas bolsas. Mas quantas bolsas pra colocar quantas coisas dentro.
 Sapatos sapatos. Mas quantos pés quantos passos a dar.
 E celulares muitos celulares. Quantas coisas vocês têm a dizer.
 Um celular ela tinha, a sua irmã lhe tinha presenteado num dia de sentimento de culpa.
 Mas numa manhã não o encontrara mais.
 Luca o vendera pra comprar a coisa.
 Depois sumiram os CDs, aqueles que eles tinham gravado um por um no computador, com as faixas que amavam.
 Restara somente um de música clássica.
 Depois sumira o computador.
 Depois sumira Luca.
 Depois a colocaram para fora de casa, na manhã anterior. Sobre o patamar, as suas poucas coisas em duas malas. Um bilhete.
 Se voltar, mostro à polícia todas as seringas que encontrei no apartamento.
 O dono da casa era um advogado que antes defendia os ocupantes das casas. Acontece.
 Assim, hoje à noite Alice não sabe em qual país maravilhoso poderá dormir.
 Não volto pra casa da mamãe, não quero ver outros choros, e não estou a fim de dormir no Adrian, ele é um porco, transa com você mesmo que você esteja morta. E se vou para a casa do Nerofumo, encontrarei lugar pra dormir, mas tenho medo que o Tricheco esteja lá, é um traficante velho, drogado e sem dentes, tenho medo de voltar para o pó como da outra vez.
 Porra, que jeito de falar, fala direito.
 Tenho medo que me dê heroína grátis.
 E depois, acontece que cheiro e acabo no pronto-socorro e a Rainha de Copas é uma doutora toda maquiada como da outra vez que me diz, escuta querida estupidazinha, por que você quer morrer agora?
 E eu não soube responder.
 O Coelho Branco, ao contrário, é um rapaz quatro-olhos na bicicleta que foge, ele tem uma grande casa alugada, eu estive lá no mês passado.
 – Melfi! – grito, eu só sei que ele nasceu ali – Melfi⁴, para!
 Tem cara de quem já viu de tudo e não aprendeu nada.
 – A gente se conhece?
 – Sim, estive na sua casa com o Luca, lembra?
 – Você era a sua namorada?
 – Bom, digamos que sim.
 – E não é mais?
 – Agora, não.
 – E o que posso fazer por você?
 – Você poderia encontrar um lugar pra eu dormir?
 – Se eu encontrar, a gente transa?
 – Acho que não.
 – Então você transa com um amigo muito mais bonito do que eu?
 – Enfim, você tem lugar ou não?
 – Não.
 E vai embora na bicicleta.
 Alice caminha entre as pessoas que fazem compras e as sacolas balançando cheias de bolsas e sapatos e pisa numa camada de neve cinza, fecha e abre os olhos, assim as luzes de Natal tornam-se arrepios, vislumbres, faixas coloridas, e ela imagina estar num lugar mágico longe daquela cidade.
 Tem uma Pizza Snack Bar com um letreiro todo vermelho e amarelo, entra e pede uma fatia de pizza com batatas, senta-se e perto dela chega o Gato Risonho.

4 **Melfi** é uma comuna italiana da região da Basilicata, província de Potenza.

É alto, gordinho, com uma camiseta listrada, os cabelos tingidos de azul Seleção⁵. Num dos braços tatuou uma serpente e no outro a escuderia de um time de futebol. Pousa uma tripla porção com cerveja, arrota e ostenta um sorriso sem os dois dentes da frente.

– Oi, gatinha.

Silêncio.

– Vem comigo num show?

– Quem?

– Ah, amigos meus duríssimos, criaturas de Satanás, só que tocam na periferia, numa garagem ou sei lá aonde, e eu não tenho carro.

– Nem eu.

– Que pena, a gente teria se divertido. Você faz o meu tipo.

– Em que sentido?

– Você está tão desesperada que entendo que eu estou melhor do que você, e dá vontade de rir.

– Obrigada.

– De nada. Desculpa, gatinha. Eu te ajudaria, mas tenho que arranjar uma carona.

Levanta-se já bêbado, o corpão bambeia, as suas calças vão caindo e metade da bunda rosa de fora, coça-se, cambaleia, derruba uma cadeira.

– Alguém tem um carro para me emprestar aqui dentro? Um carro azul quem sabe?

– Vá embora, - grita um dos pizzaiolos – ou chamo a polícia!

– A tua pizza tem o mesmo cheiro do meu pau – zomba o Gato Risonho.

O pizzaiolo lhe mostra uma faca.

Antes de sair, o Gato Risonho deixa a metade da cerveja na mesa de Alice e lhe manda um beijo.

– Gosto de você, baby – diz.

– Obrigada. – diz Alice.

Ela o vê sair e se enfiar num ônibus, afastando e imprensando metade dos passageiros.

Alice entorna a meia cerveja e acende um cigarro.

– Não pode fumar aqui.

– Desculpe.

Sai e se agacha diante de uma vitrine.

– Não pode sentar aqui.

Então Alice vira o capuz na cabeça, nevisca um pouco, as pessoas se estapeiam por um táxi. Entra na biblioteca pública. Tem um calorzinho bom. Telas por todo o lado. Notícias e imagens de todo o mundo. Senta-se no chão para olhar um documentário sobre pinguins.

– Não pode ficar no chão – disse um vigilante.

– Em pé?

– Se não atrapalhar.

– Em um pé só?

– Não faça gracinha ou te coloco na rua...

Silêncio.

Alice olha um pouco os pinguins que mergulham e namoram, ri, depois entra, rodeia e vai ao bar, percebe que tem dinheiro para um chá, leva-o ao balcão e se senta.

– Não pode, – diz a garçonete – se você se sentar à mesa tem que pagar a diferença.

– A diferença...

Então vai ver os livros. Sente-se imediatamente melhor. Muitos daqueles

5 Na Itália, o azul marinho é tido como a cor da seleção italiana de futebol, por isso a referência azul nacional.

livros lhe fizeram companhia, neste duro inverno. Luca levou quase todos pra vendê-los. Luca só lê livro de vampiro. Não é que seja idiota, é obcecado. Como é evidente, como é cruel o fato de Luca não lhe fazer falta. Preferiria sentir falta dele, Alice? Talvez sim. Quem te faz falta? Tem um pôster, uma foto de um escritor morto há pouco tempo. Ela gostava daquele escritor. Falava de guerra com verdadeiro horror e piedade, inventava cientistas malucos e fazia rir. Sim, dele eu sinto falta. E também dos meus amigos, Elsa e Faber. E da velha Marion. Dos meus amigos livros...

Começa a ler, lê lê.

– Não pode – diz um vendedor – Dar uma olhada pode, mas não pode ler tudo.

– Claro, tem diferença.

Droga leve e droga pesada.

O meu jeans e o jeans daquela que está passando.

Pizza com batatas e só pizza.

Dar pra todo mundo e dar pra alguém.

Mais dezesseis anos ou chega.

Estou enlouquecendo.

Um rapaz de olhos azuis e cabelos loiros a fixa, um Kurt Cobain centrista, com muitas possibilidades a mais de envelhecer.

Eu a adoro, ele está pensando, amo as garotas desleixadas que depois tornam-se lindíssimas, esta se tirar o pó, lavar e paparicar, fica uma beleza.

Parece bobo, mas doce, ela pensa.

No entanto uma voz diz: estamos no horário de fechamento, os senhores clientes são gentilmente solicitados a sair. As luzes são reduzidas, ela sai. Fora a cidade é cinza, a praça vazia, a igreja blindada por uma cancela, não pode mais sentar nos degraus, talvez Deus passeie com uma jaqueta à prova de bala, pensa Alice. E pensa que talvez esta noite será obrigada a dormir na estação, não conseguirá mais resistir com aquele frio, não conseguirá ir adiante, mas cacete por que vocês falam de coragem de garra de dignidade, eu sou só um metro e sessenta e dois por quarenta e sete quilos, como posso aguentar o rangido do mundo e os gritos dos mortos e o falso rock e o gelo e a fome, as morsas come-ostras e os traficantes caridosos...

Não participei de Sessenta e oito, de Setenta e sete e talvez nem chegue no Dois mil e oito.

Preciso de um anjo.

Senão, não sei como fazer.

Não dou pra ninguém, não pego as coisas, não grito no meio da rua, simplesmente vou à estação e espero um trem.

Ou subo em cima, ou vou pra baixo dele.

Mas o que você está dizendo, Alice.

Pegue um cogumelo que te faça crescer ou um que te faça diminuir.

Olha sob o pórtico, tem o Jaguadarte, é o nome de um barzinho que está na moda, lá onde uma vez tinha a livraria que você mais gostava, aquela com o vendedor toupeira e a livreira que sabia Sylvia Plath e Majakovskij de cor, podia roubar os livros pequenos e tinha cheiro de incenso.

O loiro está vindo na sua direção. Não tem asas, mas parece que quer te salvar. Porém, hesita.

Decida-se, cretino, já te olhei duas vezes, como se você tocasse num palco. O que devo fazer, abaixar o jeans? Quer ver a barriguinha? A bunda? A minha é bonita, sabe? Mova as asas, frangote.

Está me olhando me olhando, ele pensa, é bonitinha mesmo e com certeza é louca, mas eu gosto das loucas.

Ela puxa um cigarro e fuma. E tem vontade de tossir. Uma tosse de ogra, de caminhoneiro búlgaro, de gato de Cheshire, de cantor metaleiro.

Ele se compadece. Eu te salvarei, oh, tísica Mimí, menina dos olhos de febre, eu serei o teu anjo, o teu anjo incandescente. Você não dormirá sozinha esta noite.

Aproxima-se.

- Quantos você fuma?
- Dois maços por dia, se tiver dinheiro.
- Mas não é muito?

Silêncio.

- Quer dizer, por que você fuma tantos?
- Pra passar o tempo.
- E o dinheiro, como você consegue?

Silêncio.

- Mas o que você faz aqui, sozinha, sobre os degraus, como uma mendiga?

Quantos anos você tem?

- Dezesseis.
- E com dezesseis anos você está sozinha?
- E quantos anos você tem?
- Vinte e um.
- E com vinte e um anos você não sabe dizer mais nada para uma garota?
- Você está se achando. Você se acha simpática?

Alice chora, mas tão baixo e tão discretamente, e com o rosto entre as mãos, que ele não percebe e vai embora incomodado.

Ela abre os olhos.

Está sozinha, sob um arco de luzes de Natal, um arco-íris de estrelas vermelhas, um vôo de pássaros de Plutão.

Sai porque neva forte e caminha rápido.

Haverá algum lugar para dormir, no país das Maravilhas.

Recebido em 12 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.